

## Deslocamentos na cidade: o movimento Hip Hop nos/ dos bairros de Florianópolis\*

Angela Maria de Souza<sup>1</sup>  
Universidade do Vale do Itajaí

Amparado em Simmel, o presente artigo se propõe a discutir deslocamentos e “pontes” estabelecidas a partir do Movimento Hip Hop, tendo como base sua música, o RAP, na cidade de Florianópolis. Pretendo discutir estes deslocamentos a partir de dois prismas. O primeiro diz respeito aos deslocamentos entre centro e periferia na cidade, a partir de seus bairros. Estas duas categorias tornam-se móveis no estabelecimento das relações de “sociabilidade” e produção musical. O segundo, refere-se aos deslocamentos no tempo, já que a cidade, a partir do RAP, vai mudando os contornos, imagens e “formas” construídas dos bairros e cidade que surgem em suas composições musicais no decorrer do tempo. A grande parte das composições musicais faz referência ao bairro, geralmente aquele onde moram. O bairro confere legitimidade ao conteúdo da música e é uma importante referência de pertencimento. É no bairro que as redes de sociabilidade se formam. Mas, em todas estas músicas, além do bairro, implícita ou explicitamente, reafirmam o seu pertencimento à cidade. Este pertencimento, além de justificar um posicionamento crítico sobre a cidade, também os faz reivindicar uma “ampliação” do espaço que ocupam na mesma.

This article, based on the work of Simmel, has the objective of discussing how Hip Hop activity, drawn from RAP music, has established connections and movements in Florianópolis city. My intention is to look at these movements from two viewpoints: The first one is about the movement of people between the centre and the periphery of the city, starting in its neighborhoods. These two categories become flexible when establishing relations of ‘sociability’ and music production. The second one is referred to as dislocations in time. Through RAP music the city gradually changes itself: the neighborhoods, the forms, the images and the borders. These changes reflect in the music over time. The biggest part of these musical compositions refers to the neighborhoods, usually the ones where the composers live. The legitimacy of the content of the song is closely connected to the neighborhood and is an important reference to belonging. It is in the neighborhood that the social groups are formed. However, all of these songs show implicitly or explicitly that these groups want to reaffirm that they belong to the city. Apart from justifying a critical position in the city, this belonging also makes these groups demand a ‘larger’ space than they presently occupy.

\* Dislocation in the city: the hip hop movement in/from the Florianópolis’ neighborhoods

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e atualmente realiza pós-doutorado na mesma Universidade. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: rap, movimento hip hop, moda, relações raciais, consumo, música.. Docente da Universidade do Vale do Itajaí. Endereço para correspondências: Universidade do Vale do Itajaí, Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202 (angela@cfh.ufsc.br).

E, propõe o estabelecimento de “pontes” na relação com o espaço urbano em sociedades metropolitanas, no qual constroem suas narrativas musicais.

Moreover, they indicate the establishment of ‘bridges’ in relationship to urban space in metropolitan societies in which it’s musical narratives are built.

**Palavras-chave:** Hip hop - Música - Cultura popular - Florianópolis - Modelo simmeliano.

**Keywords:** Hip hop - Music - Popular culture - Florianopolis city - Simmelian model.

Refletir sobre a diversidade que permeia os espaços urbanos das grandes cidades é um desafio que se impõe ao exercício etnográfico. Estes espaços urbanos trazem a tona o desconhecido que está próximo, nos impondo algumas provocações entre elas o de se colocar “aberto” e disposto a compreender esta diversidade.

Simmel foi um dos primeiros teóricos das ciências sociais a alertar para a diversidade e a heterogeneidade presentes nos espaços urbanos, apontando para a o “tipo metropolitano de individualidade”. Para o autor,

[...] os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida. (SIMMEL, 1902; p. 11).

Neste sentido, a vida metropolitana implica em outro tipo de convivência com o espaço, entre eles uma maior racionalidade, em contraposição a emoção, criando uma *impessoalidade* aliada a uma *subjetividade altamente pessoal*, traduzida por Simmel como *atitude blasé*. Concomitantemente, estes espaços urbanos são importantes fontes das mais variadas formas de sociabilidade. Diferentes coletividades em relação e interação no uso do espaço urbano conformam estas cidades.

Com Simmel estou pensando as diferentes coletividades que movimentam o espaço urbano das grandes cidades, e nestas estruturam diversos modos de manterem-se em relação, já que

[...] puesto que em la sociabilidad declinan los motivos concretos relacionados con las metas de vida; de la misma manera, la forma pura, el libre juego, deve mantener com la maior firmeza la interdependência interactuante de los individuos y extraer de ésta el mayor efecto (SIMMEL, 1910 [2002]; p. 196).

Ou seja, esta coletividade, a partir da sociabilidade aplacaria, mas não eliminaria, as individualidades, em nome desta *forma*<sup>2</sup> grupal. Ao mesmo tempo, esta *forma* quase *ideal* de sociabilidade é permeada por conflitos, contradições, competições que lhe dão *forma* e dinâmica. Ou seja, esta *sociabilidade* é entrecortada pelas *subjetividades individuais*. É na confluência de negociações entre individualidades na coletividade que a *forma* vai se estabelecendo. Uma é constituidora da outra.

A partir destas *formas* de sociabilidades propostas por Simmel, estou refletindo sobre as diferentes práticas do Movimento hip hop na cidade de Florianópolis, mais especificamente a partir de sua música, o rap. O rap, enquanto estilo musical, constitui-se num jeito de relacionar-se com a cidade, construindo nesta interação, sua reflexão sobre a mesma, e, através dele, na formação das coletividades, tracejam seus *circuitos*<sup>3</sup> por estes espaços a partir de suas práticas de sociabilidade. A partir do Movimento hip hop pretendo aqui refletir sobre as *formas* que a cidade vai tomando a partir de suas práticas, levando em consideração os deslocamentos temporais e espaciais a ela subjacente.

Em pesquisa que realizei sobre Movimento hip hop de Florianópolis (SOUZA, 1998) é possível perceber que a grande concentração desta prática localizava-se na parte continental da cidade, principalmente nos bairros Monte Cristo, Vila Ipiranga, Chico Mendes e Jardim Atlântico (São José)<sup>4</sup>. É a periferia da cidade, com seu entorno que estava produzindo esta manifestação musical. Na época, a única exceção era o grupo Realidade Suburbana, que possuía dois integrantes que moravam nas imediações da Avenida Mauro Ramos, local dos tradicionais morros da cidade, com concentração de população negra e classes populares. No mais, todos os grupos vinham do continente, da chamada periferia da cidade.

Neste período predominavam temáticas relacionadas a problemas vivenciados pela população que habita a periferia da cidade, entre elas a violência em suas várias formas de manifestação, o tráfico de drogas e armas e suas conseqüências, além de problemas políticos e o descaso das autoridades públicas com a população residente nestes locais. Questionavam nestas músicas a

<sup>2</sup> Amparadas em Simmel, Rocha e Eckert (2005; p. 82) apontam que “Essas formas são dadas pela diversidade de combinação das afiliações individuais aos grupos, em que as interações estão sujeitas ao espírito da vida moderna”. E estou aqui utilizando esta concepção de *forma* simmeliana para refletir sobre o que estou chamando de Movimento hip hop e da cidade em que o mesmo se insere. Entendo que estas, o Movimento hip hop e as cidades, são constituintes uma da outra.

<sup>3</sup> Magnani (2002; p. 15) aponta que *circuito* é “uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimento, equipamentos e espaços que não mantém entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais...”

<sup>4</sup> Os limites entre um bairro e outro, assim como os limites municipais entre Florianópolis e São José são difíceis de definir no trabalho de campo, já que não obedecem a uma lógica geográfica estabelecida por mapas. Estes bairros são chamados de *quebradas*, principalmente por um pertencimento a periferia, podendo muitas vezes significar mais de um bairro.

imagem depreciativa de seus bairros de moradia, construída pela mídia. Contestavam a imagem da “Ilha da Magia”, principalmente a partir do discurso turístico. Enfim, falavam da desigualdade, da discriminação, principalmente racial, e das conseqüências que estas acarretavam. Mas, ao se oporem aos problemas que cantavam, colocavam-se numa posição de sujeitos em busca de mudança, de transformação desta “realidade”, e apontavam o rap como uma das formas de processar esta mudança.

Esta discussão não é característica somente do rap de Florianópolis, passando a produção musical nacional deste estilo. No Brasil, o Movimento hip hop<sup>5</sup>, mais especificamente o rap entra no país a partir de suas periferias. Inicialmente por São Paulo e de lá se espalha pelas periferias do Brasil, chegando a Florianópolis em 1988, trazendo com ele um discurso de contestação das condições das “realidades” locais.

Mas este momento inicial é marcado por uma invisibilidade desta produção musical. Ela restringia-se quase que exclusivamente a periferia. Mesmo quando havia a saída desta produção musical de seus bairros em direção ao centro da cidade era a marca da periferia que vinha com eles. O contato da cidade (da não periferia) com este Movimento se dava principalmente quando estes saíam da periferia, muito dificilmente ocorrendo o contrário.

Florianópolis é uma cidade turística e frequentemente recebe o cognome de Ilha da Magia em suas propagandas. Marcadamente esta é uma oposição que se estabelece neste momento inicial da produção musical do rap na cidade, afinal de contas “A Ilha da Magia é da Ponte pra lá!” como inúmeras vezes ouvi em conversas, em entrevistas, em letras de música e que acabei utilizando no título de minha dissertação de mestrado.

Esta oposição Ilha X Continente, muito mais que uma questão geográfica, está trazendo a tona uma relação de desigualdade. Afinal de contas, se a “Ilha da Magia é da ponte pra lá!”, o que tem do lado de cá da Ponte? Ao fazer esta pergunta é importante perceber que quem fala está no continente. Mas, não basta estar no continente, é importante falar sobre este espaço, ressaltando que o mesmo está na cidade, ampliando com isso a diversidade,

<sup>5</sup> Estou concebendo o rap, o grafite, a dança de rua, entre outros que podem ser agregados, como fazendo parte de uma manifestação artístico-cultural que denomino Movimento hip hop. Assim, estes “materializam uma forma de viver, e trazem um modelo específico de pensar para o mundo dos objetos, tornando-o visível.” (GEERTZ, 1997; p. 150) Acrescento que para além dos objetos este modelo de pensar transfigura-se na expressão corporal, na forma de falar, de vestir, no corpo, enfim, traduzindo assim o *padrão estético* pertinente a este estilo. Este padrão estético do Movimento hip hop expressa sua concepção sobre um “estar no mundo”, ou no dizer de Geertz, da união de forma e conteúdo. “Se é que existe algo em comum, é que em qualquer lugar do mundo certas atividades parecem estar especificamente destinadas a demonstrar que as idéias são visíveis, audíveis e – será preciso inventar uma palavra – *tactíveis*; que podem ser contidas em formas que permitem aos sentidos, e através destes, às emoções, comunicar-se com elas de uma maneira reflexiva. A variedade da expressão artística é resultado da variedade de concepções que os seres humanos têm sobre como são e funcionam as coisas”. (GEERTZ, 1997; p. 181, grifo no original).

em contraposição a uma imagem uniforme e consensual, que pode ser encontrada em discursos turísticos sobre a cidade, por exemplo.

A cidade nesta produção musical é apresentada de forma dividida. A cidade da periferia/”quebradas”<sup>6</sup> e a outra cidade, com suas praias, turistas, moradores de classe média. Esta oposição está centrada nas relações que o Movimento hip hop estabelece com a cidade, a partir da periferia. Aqui é importante ressaltar que há um deslocamento, no sentido de retirar da periferia sua oposição a um centro irradiador de idéia. Neste caso é a periferia que constrói a reflexão sobre a cidade a partir de sua música.

Ao mesmo tempo em que a oposição é colocada, nela também está à disposição para o estabelecimento de pontes. Em outras palavras a Ilha da Magia não é vista como acessível a todos. Mas falar sobre estas barreiras e separações através das composições musicais é uma das maneiras de gerar mudança, inclusive em suas próprias vidas. Tão importante quanto falar é dizer quem está falando. Em outras palavras, moradores das “quebradas” de Florianópolis.

Além dos problemas econômicos e os impostos pela desigualdade social e étnico-racial, esta produção musical está refletindo sobre o lugar que ocupa na cidade, a partir de quem são, ou seja, enquanto jovens, predominantemente negros, homens e mulheres e moradores da periferia.

A produção musical do rap apresenta *formas* que esta cidade vai tomando dependendo da perspectiva de quem fala. Até aqui, duas cidades se colocam, a das “quebradas” com sua reflexão sobre a cidade, incluindo-se na mesma, e a Ilha da Magia, objeto destas reflexões. Atualmente, é possível perceber a ampliação destes deslocamentos entre periferia e centro na cidade (SOUZA, 2007). Agora a periferia já não se localiza somente no continente. Grupos de rap de diversos bairros localizados nas praias e centro da cidade passam a produzir e cantar suas reflexões sobre a mesma.

É comum ouvir nos telejornais e ler em revistas semanais reportagens sobre pesquisas que apontam Florianópolis como uma cidade com um dos melhores índices de qualidade de vida do país. E esta é também uma maneira de atrair uma classe média e média alta que saem dos grandes centros urbanos em busca desta *qualidade de vida*<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo em que esta população aumenta, cresce também o número de pessoas que vem para a cidade buscando melhores condições de vida, principalmente em busca de emprego, muitas vezes sem sucesso. E as favelas, os bairros de periferia se alastram pela cidade,

<sup>6</sup> Sobre “quebradas” ver nota 3.

<sup>7</sup> Por mais contraditório que possa parecer, é fartamente perceptível o surgimento e crescimento dos condomínios fechados, alguns de luxo, que proliferam pela cidade. Com eles a preocupação com a violência vem junto. E, torna-se cada vez mais comum a instalação de equipamentos de segurança (alarmes, cercas elétricas, câmeras por todos os lugares, muros altos), que nem sempre são tão seguros assim.

tanto na Ilha como no continente e cidades vizinhas. Se antes a população pobre da Ilha estava concentrada principalmente nos morros da cidade e a periferia na parte continental, hoje a “periferia” está por toda a cidade, inclusive nas praias.

O rap que antes mais fortemente se encontrava na periferia, ou continente, hoje está espalhado pela cidade em bairros como Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha, Canas Vieiras, Campeche, bairros também turísticos que habitam os folders de propaganda turística. É importante apontar que não somente as periferias ou áreas pobres da cidade estão produzindo rap, mas há uma classe média que cada vez mais tem este estilo musical como forma de manifestação.

Neste sentido, os temas que perpassam a produção musical ampliaram-se consideravelmente e com eles a reflexão sobre a cidade. Se no primeiro momento a questão racial e desigualdade social, através de temas, como violência, polícia, tráfico de drogas, pobreza, exclusão da mídia eram preponderantes, hoje este discurso persiste mas outros vem no sentido de ampliar este coro. A restrição de acesso à cidade, mesmo morando nas praias, a especulação imobiliária com suas construções em áreas antes de mata e mangue, o crescimento do tráfico de droga e violência, a ostentação dos carros da classe média, passam a fazer parte da produção do rap da e sobre a cidade.

Cito aqui alguns exemplos de letras de rap para pensar as mudanças processadas na forma de produção do rap na cidade. Como já coloquei, a periferia da cidade, e aqui estou me referindo ao continente, é colocada como um espaço “legítimo” da produção do rap. Um dos principais grupos de destaque neste cenário é o Arma-Zen, que traz no nome a arma, ou seja, o rap, para atingir seu alvo, ou, provocar mudanças.

Além do nome do grupo, o título do CD é bastante elucidativo deste contexto que fazem fluir em suas letras de música. Na capa do CD lê-se o nome do grupo, Arma-Zen, e o título “A caminhada é longa...” Na contra capa, o título continua “... e o chão tá liso”. Esta frase, apresentada em dois momentos, de um lado, aponta as dificuldades, já que “a caminhada é longa”, mas é possível. Só que nesta “caminhada” é necessário estar atento, já que o “chão tá liso”. É importante e necessário não “escorregar”, que poderia aqui ser pensado como uma suposta entrada na criminalidade.

A música título do CD “A caminhada é longa ... e o chão tá liso”, situa os problemas com os quais se deparam na periferia. Demonstrem familiaridade com este universo, já que são os “irmãos” que estão do outro lado, da “criminalidade”. Repetem e frisam neste relato que eles optaram por outro caminho, o da rima, da música, do rap para expor sua indignação. O rap aqui é também um modo de expor situações que conhecem, convivem com ela, mas não a querem para suas vidas.

**Deslocamentos na cidade: o movimento Hip Hop nos/dos bairros de Florianópolis**

*Angela Maria de Souza*

Arma-Zen

A caminhada é longa ... e o chão tá liso.

Negro Rudhy e Preto Dhgimmy – refrão Karyhn

Futuro obscuro eu observo na minha frente

Os vermes no meu pé

E os pulga sugando a mente

Porque tu não falou que o bagulho é sinistro

Que a caminhada é longa ...e o chão tá liso

[...]

Rapper gangsta da Oeste, Negro Rudhy, a peste

Que propaga a paz pelos becos da favela

Mal intensionado, não, só não dou boi

Malandro imortal do Monte Cristo é eu memo

Canto amor pelo gueto, pros boy o veneno

[...]

“Comigo quem quiser, contra mim quem puder”

Palavras do rei negro. Tem que ter fé

O compromisso eu persisto, resisto

Só que por onde vocês for não pisem em falso,

tomem cuidado que o chão tá liso

Tá sinistro aqui eu sei chega de notícia triste

Esta semana que passou foi cruel, coisa de filme

Notícias felizes não chegam aqui tão rápido

Um mano assassinado e no outro dia um estalo, vai vendo

Os que ficaram acumularam veneno

O que restou foi a lembrança e pra coroa o sofrimento

Deixa em desespero pra aqueles que sente no coração

A falta da alegria e do apego deste irmão

É duro acreditar como as pessoas que se vão

Hoje curte de boa e amanhã recordação

Difícil né ladrão dar de cara com a verdade

Um dia a casa cai pra agüentar tem que ser forte

A realidade é triste e o que move é a traiagem

Veja só o olhar que faz o medo em um covarde

Reage de uma forma agressiva brutalmente

[...]

Aqui no presente, a maioria, é enterrado

Alguns até casaram, se afastaram sossegaram

Outros que hoje em dia eu me recordo pelo retrato

A vida é sofrida, o jogo aqui é as vera

Então, curta sangue bom o tempo que te resta

Longe da maldade, do perigo, do gatilho

Curtindo a vida boa pra não ficar no prejuízo

Né primo, ouça bem e reflita o que eu digo

Correr pelo certo atrás da paz é o objetivo  
O chão tá liso eu sei várias quebras que passei  
Colei na humildade, não, não, não escorreguei  
Ok, no verso trinquei, com os louco do A.Zen  
Ai Maicon Maloka, parceiro fica com deus  
Na fé guerreiro resiste seus pensamentos vão além  
das grades  
Fugindo da dor, unindo o amor, com simplicidade  
Levante a cabeça, não perca as esperanças, meu bom  
Muita paz, saúde, louvor, fiança  
A caminhada é longa não escorrega no piso, presta  
atenção no aviso, o chão tá liso.

Neste tipo de rap, que associo com a produção musical que vem dos que moram na periferia, demonstram uma relação de proximidade com o que cantam, já que “futuro obscuro observo em minha frente”. E repete várias vezes como um aviso, “A caminhada é longa e o chão tá liso”, por isso é necessário persistência e cuidado, já que a “morte” pode estar próxima ou de pessoas próximas, “Um mano assassinado e noutro dia um estalo”. E ressalta na sequência, “É duro acreditar como as pessoas que se vão/ Hoje curte de boa e amanhã recordação.”. Mesmo assim, “Difícil né ladrão, dar de cara com a verdade”. Recomendando e avisando, “Então, curta sangue bom o tempo que te resta / Longe da maldade, do perigo, do gatilho”.

Aqui a música é usada para relatar o que chamam de “realidade”, mostrando a ilusão e efemeridade da vida quando a escolha é a criminalidade. E que uma opção para distanciar-se desta “realidade” é o próprio rap, “Ok, no verso trinquei com os loucos do A.Zen”. O verso, a poesia, a música são formas de opor-se ao que cantam, o que vem reforçado na referência ao nome do grupo Arma-Zen.

Buscam aqui demonstrar que mesmo havendo uma “sedução” e muitas possibilidades de entrar na criminalidade, esta é uma ilusão que abrevia a vida ou coloca nas prisões. Expõem uma vulnerabilidade que percorre as periferias e que a ela estão sujeitos, mesmo assim, criam outras formas de manifestação que não seja através da violência<sup>8</sup> gerada pela criminalidade. Aqui o rap é uma maneira de “resgate” e alternativa a violência. A produção musical é aqui percebida como uma maneira positiva e criativa de expor uma indignação e uma revolta. Ao contrário da *atitude blasé* de Simmel, o que demonstram é um envolvimento, inclusive emocional, com o que percebem na cidade, principalmente na periferia.

<sup>8</sup> Para uma discussão mais ampla sobre a violência enquanto modo de manifestação, ver Maffesoli (1987).

## Deslocamentos na cidade: o movimento Hip Hop nos/dos bairros de Florianópolis

Angela Maria de Souza

Neste sentido, a periferia torna-se o centro desta produção musical. Mesmo havendo referência a localização geográfica, a Zona Oeste<sup>9</sup>, contudo, a periferia aqui não restringe-se a um espaço geográfico, mas a uma *forma* de pensar a cidade. E assim ela se amplia e multiplica-se.

Saindo da periferia, e dentro de uma perspectiva mais individualizada, estou citando a música “Carta ao céu”, do grupo Retaliação. A música narra o desespero de um filho, que é o próprio autor e cantor da música, ao receber a notícia do assassinato de sua mãe. A música narra o desespero, faz emergir lembranças desta mãe, tenta voltar ao passado para modifica-lo, mostra seu arrependimento e a homenageia.

Retaliação  
Carta ao céu  
Compositor: Giancarlo  
Interpretação: Giancarlo e Karine

Mãe, que saudades da senhora  
Depois de muito tempo eu resolvi lhe escrever  
Pra ser sincero eu não entendi até agora  
Porque dessa forma não pude entender  
Você me criou, fez de mim um homem  
E quando mais precisou de mim, eu estava longe  
Aí eu me senti o pior dos filhos  
Tipo um merda, tipo um lixo  
Quando eu recebi a notícia lá em casa  
Numa segunda-feira, uma da madrugada  
[...]  
Keko, meu filho, senta aqui, escuta  
Eu sei que mãe a gente só tem uma  
Mas infelizmente, mataram a sua  
[...]

<sup>9</sup> Uma das características do grupo Arma-Zen em suas composições é a constante referência a um pertencimento a Zona Oeste da cidade, e suas periferia e favelas. Todos os 7 integrantes do grupo moram em bairros da Zona Oeste e na cidade de Palhoça e em praticamente todas as músicas este pertencimento é reforçado. Um exemplo é a música *Cidade Turbulência*, em que a turbulência da periferia, da Zona Oeste, é incluída na cidade. Ou seja, ela é mostrada através da música diminuindo as “distâncias” entre estas duas cidades. Um outro exemplo é a música *É assim e sempre será* em que cantam: [...] *Zona Oeste de Floripa, no continente a chapa é quente [...]* E o refrão diz:

Enquanto isso na favela nada muda,  
Senhoras chorando pelos becos nas ruas,  
Na Favela é assim o crime não tem fim,  
Zona Oeste da Cidade continente é nós aqui

E para finalizar a música *SC Floripa* em que o que é narrado é um cenário de criminalidade e violência que encontram nas favelas da cidade, na Zona Oeste. Mas esta é a mesma Floripa, que tem o cifrão para substituir o S da sigla SC de Santa Catarina. É a exposição de um paradoxo constituinte da cidade.

Vai pai, fala pra mim que é um pesadelo  
Vai pai, me tira desse desespero  
Diz pra mim que isso é mentira  
Diz pra mim que ela está viva  
[...]  
Refrão  
Eu vou mandar uma carta com destino ao céu  
E vou mandar junto rosas com pétalas de mel,  
de mel  
Pra você, pra você minha mãe, de quem eu sinto  
muitas saudades  
Mas eu prometo que logo estaremos juntos para  
toda a eternidade.  
[...]  
Refrão  
Quando eu lembro de você  
Na minha cabeça só vem boas lembranças  
Um desejo, antes de morrer,  
Eu queria voltar a ser criança  
Nem que fosse apenas por um dia  
Eu, você, o pai, a Tati, a Bia  
Dando um rolê em Barreiros no Chevete  
Sai do continente  
O destino é o Campeche  
[...]  
E um dia ei de voltar a morar com a senhora  
O dia tá raiando e tá chegando a hora [repete]  
Refrão

A música “Carta ao Céu” além do relato de uma angústia individual também fala sobre esta cidade e atravessa a ponte. E a cidade surge no relato sobre a circulação pela mesma: “Dando um role em Barreiros no Chevete/ Sai do continente/ O destino é o Campeche”. Aqui a cidade também amplia-se e está tanto no continente quanto na Ilha.

Mudando a perspectiva, a próxima música citada traz a emergência de um discurso que critica questões relacionadas principalmente a problemas com o meio ambiente. Temas como construções irregulares, geralmente em áreas de preservação, especulação imobiliária e suas conseqüências e os impedimentos que tudo isso gera no acesso a determinados espaços da cidade, são frequentes. Nestes relatos há um reforço de pertencimento a cidade, principalmente a partir da crítica que tecem a “negação” dos usos de determinados espaços na cidade. Um exemplo é a música “Floripa, ilha de concreto”, do compositor Rael. E aqui, a cidade esta na Ilha.

## Deslocamentos na cidade: o movimento Hip Hop nos/dos bairros de Florianópolis

Angela Maria de Souza

### Ilha de Concreto

Cidade litorânea, paraíso descoberto  
Ilha da Magia virou ilha de concreto  
Prédios, prédios, casas, condomínios  
Tédios e mais tédios  
Gente sem raciocínio

[...]

#### Refrão (2X)

Só quero uma ilha de paz, igual á tempos atrás  
Acorda o tempo já passou que agonia  
Agora só ficou na memória e fotografia

[...]

Lembrança da Lagoa, mergulhava ali da ponte  
Brincava no trampulim  
Parece que foi ontem

Me dava gosto de banhar lá no Pitoco  
Mas hoje em dia assassinada pelo esgoto

[...]

#### Refrão

[...]

#### Refrão

Aí guerreiro, só quero uma Ilha de paz, igual a tempos atrás. Floripa 2005. Rael no Hip Hop entrando em cena. Preservação. Se não tiver ela, não existirá uma saída. E sem respeito, não existe a vida.

É possível até aqui perceber que as práticas musicais do movimento hip hop de Florianópolis seguem no sentido de construir deslocamentos importantes a partir de sua produção musical<sup>10</sup>. O primeiro deslocamento, situo nos lugares ocupados por periferia e centro, em que a periferia amplia-se na forma de pensar a cidade e propõe uma mudança de lugar, colocando-se no centro.

O segundo deslocamento é referente ao tempo e, mostra uma importante ampliação de um discurso sobre a cidade fazendo emergir as diversas *formas* de que esta assume no decorrer do tempo. Seja na *forma* de se colocar perante os problemas vivenciados pela e na periferia como na música “A caminhada é longa ... e o chão tá liso”. Ou, de desabafos de angústias que vivenciam na cidade e que mesmo restringindo-se a problemas familiares, como a morte da mãe, na música “Carta ao céu”, a cidade faz parte da construção deste relato através de seus bairros.

<sup>10</sup> Além de todas estas perspectivas com relação a cidade, ainda é necessário apontar que o chamado rap cristão ou gospel, vem se estabelecendo na cidade mais recentemente. Um exemplo é a formação da BRC – Banca do Rap Cristão que reúne jovens, de diferentes igrejas, que cantam este estilo de rap na cidade. Entre as igrejas estão Renascer em Cristo, Assembléia de Deus, Filadelfia, Bola de Neve, Batista, Quadrangular, entre outras.

E, no exemplo da última música citada “Ilha de concreto”, é a cidade com seus descasos e favorecimentos, a determinados setores econômicos, que eclode, restringindo cada vez mais os usos de seus espaços públicos e naturais.

Um outro aspecto que vale pontuar diz respeito aos bairros que demarcam estas composições musicais. Na Música “A caminhada é longa ... e o chão tá liso” é o bairro Monte Cristo e seu entorno, ou seja, as “quebradas” da periferia, do continente. Em “Carta ao céu” são Barreiros (São José, município vizinho a Florianópolis) e Campeche, na Ilha. E na música “Ilha de concreto” é a Lagoa da Conceição, tradicional cartão postal da cidade, com seus problemas sociais e ambientais que compõe o relato musical. E a cidade diversifica-se na *forma* de ser cantada.

O bairro ou a “quebrada” em que o discurso emerge, surge como uma forma de “legitimação” do que é cantado, da construção do relato, já que a vivência do que é cantado é fundamental nas composições musicais e todos estes bairros são os mesmos bairros de moradia dos autores destas músicas. Se na primeira música é o continente com suas “quebradas” que é cantado, na música “Carta ao céu” a ponte é atravessada, e em “Ilha de Concreto” é a Ilha que emerge. As músicas, através de seus bairros mostram diferentes vivências que lançam diferentes olhares sobre a cidade.

O pertencimento a cidade é fartamente cantado. Se o bairro é uma referência, principalmente a partir da formação das inúmeras coletividades, a cidade é reivindicada como um direito de todos e não só para os que possuem recurso financeiro para dela usufruir.

Aqui retomo a frase várias vezes repetida em campo realizado em Souza (1998): “A Ilha da Magia é da ponte pra lá!” para refletir sobre estas diferentes *formas* pelas quais a cidade vai emergindo nesta produção musical. Esta “ponte” surge como uma metáfora utilizada para pensar os usos do espaço urbano em Florianópolis. Ou seja, uma cidade proibitiva, e penso aqui principalmente a partir de seu uso turístico a que a frase remete, já que está falando da “Ilha da Magia”. A frase aponta para o que não é dito, ou seja, a periferia. Se a “Ilha da Magia” é da ponte pra lá, e aqui temos três pontes reais para ligarem a ilha ao continente, o outro lado, de onde estão falando, é exatamente o que querem mostrar. Ou seja, remetem-se as ausências, e aí, esta “ponte” estabelece ligações conflituosas.

A partir de diferentes formas de *sociabilidade* construídas, a função de *ponte* simmeliana<sup>11</sup> é realizada pelo Movimento hip hop. Nestas *formas* de *sociabilidade* são construídos deslocamentos nesta cidade e é através da vivência das práticas do Movimento hip hop que estes deslocamentos tornam-se possíveis. O Movimento hip hop implica numa dinâmica que o faz circular pela cidade e é constituinte de sua prática. Se antes restringia-se a periferia,

<sup>11</sup> Para maiores detalhes ver Simmel em Maldonado (1998).

hoje está por toda a cidade e a noção de periferia e centro vão deslocando-se, trocando de lugar, alternando-se ou mesmo confundindo-se. O Movimento hip hop torna-se a *ponte* que possibilita um acesso mais amplo a cidade, gerando diversas *formas* de percebê-la e situar-se nela.

### Referências bibliográficas

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios de Antropologia Interpretativa*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, C. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MAFFESOLI, M. Dinâmica da violência. São Paulo: *Revista dos Tribunais*, Vértice, 1987.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, J. C. De perto e de longe: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), São Paulo, 2002.

MAGNANI, J. C. Os circuitos jovens urbanos. *Tempo e Sociedade*, 17 (2), São Paulo, 2005.

MAGNANI, J. C. & TORRES, L.L. (Orgs.). *Na metrópole*. Textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp e FAPESP, 2000.

ROCHA, A.L. & ECKERT, C. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: E. Moraes Filho (Org.) *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, G. *Sobre la individualidad y las formas sociales: escritos escogidos*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

SIMMEL, G. A ponte e a porta. In: S. Maldonado. *Dois excertos de Georg Simmel*. Política & Trabalho, Setembro, 1998.

SOUZA, A.M. *O movimento do rap em Florianópolis: a Ilha da Magia é só da ponte pra lá!* Dissertação de Mestrado, PPGAS. Florianópolis: UFSC, 1998.

SOUZA, A.M. *A veiculação da produção do rap em Florianópolis: Programa Barraco Hip Hop e Radio Rima*. Trabalho apresentado para avaliação da disciplina “Estudos de Mídia”, ministrada por Carmem Rial. Florianópolis: UFSC, 2007.

SOUZA, A.M. A Ilha da Magia é só da ponte pra lá! O movimento hip hop em Florianópolis”. In: C.S. Rial & M. Godio. *Pesca e Turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul*. Florianópolis: NUPPE, 2006.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VELHO, G. (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro:Zahar, 1999.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose – Antropologia das sociedades complexas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VELHO, G. & KUSCHNIR, K. (Orgs.) *Pesquisas urbanas*. Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VELHO, O. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

#### **Referências discográficas**

ARMA-ZEN. *A Caminhada é longa... e o chão ta liso*. Florianópolis: Selo Cano Serrado, 2006.

VÁRIOS . *Rap Floripa – volume 1*. Florianópolis: Independente, 2005.

RAEL. *Nova Era*. Florianópolis: Independente, 2007.